

TRADUÇÃO

# Como ler e entender a história – parte 1

## How to read and understand history<sup>1</sup>

Trabalho original:

RUSSELL, B. *Understanding history and other essays*. New York: Wisdom Library/Philosophical Library, 1957. p. 9-56.

Tradutor:

Ernane São João Garcia

Graduando em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

## Nota do tradutor

*Prima facie*, a julgar pelo título, pensar-se-ia tratar de um ensaio sobre filosofia da história – inédito em língua portuguesa. Não se engana quem assim o pensa, embora não no sentido como Russell define filosofias da história como as de Hegel, Marx ou Spengler. No entanto, pedimos ao leitor que não se assuste, pois encontrará pela frente várias asserções pedagógicas do filósofo britânico. Embora seja em linhas gerais um ensaio de filosofia da história, não podemos negar as pretensões educativas do texto – o que já era esperado, porquanto as preocupações pedagógicas ocupam um lugar significativo na obra de Bertrand Russell. Escrito originalmente em 1943, o texto foi reproduzido em 1957 junto a outros ensaios pela editora Wisdom Library, uma filial da editora Philosophical Library, Nova Iorque. Há muitos outros escritos importantíssimos de Russell sobre a filosofia da história – ver, por exemplo, *On History*, *The Practice and Theory of Bolshevism*, *Portraits from Memory* (RUSSELL, 1904, 1920, 1956), todos, porém, muito mais breves em comparação ao que oferecemos nesta edição: trata-se do único texto publicado em que o filósofo inglês discorre tão longamente acerca da história, ademais, sob a perspectiva da educação.

Além de filósofo, brilhante lógico e matemático e, é claro, um exímio escritor – ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1950 –, lorde Russell também foi um educador, de modo que o leitor, caso se interesse, encontrará suas primeiras ideias relativas à educação infantil em *On Education, Especially in Early Childhood* (RUSSELL, 1926). Alguns anos mais tarde, o próprio Russell aventurou-se em colocar em prática

---

<sup>1</sup> COPYRIGHT 1957 BY PHILOSOPHICAL LIBRARY, INC. Permissão para publicação conferida pela editora.



suas ideias pedagógicas ao fundar a escola experimental de Beacon Hill, onde, em colaboração com sua esposa Dora Russell, seus dois filhos, John e Katharine, incluíam-se entre os estudantes. O empreendimento, que perdurou por cinco anos, originou o interessantíssimo livro *Education and the Social Order* (RUSSELL, 1932). Sua preocupação e interesse pela educação dos jovens continuarão a permear sua produção ulterior até o fim, o que explica as passagens devotadas à educação juvenil.

Devido à extensão do trabalho, dividimos a tradução em duas partes; a segunda será publicada no próximo Volume.

## Bertrand Russell

Não é sobre a história enquanto um tema de disciplina acadêmica que eu gostaria de escrever. Os jornais dizem que os jovens não sabem história o suficiente quando deixam a escola; os jovens, depois de estudarem para os exames, sentem que sabem demasiado, e começam a trabalhar para esquecer o que aprenderam tão cedo quanto possível. Nas universidades, historiadores profissionais ministram lições de dois tipos: cursos de pesquisa, que são lembrados apenas o tempo necessário para garantir créditos, e cursos avançados àqueles que desejam passar suas vidas ensinando história a pessoas que ensinarão história a... Tudo isso é sem dúvida muito valioso, mas não é o assunto deste ensaio. Meu tema é a história como um prazer, como um agradável e profícuo meio de desfrutar cada lazer que um mundo exigente pode permitir. Não sou um historiador profissional, não obstante li muita história como um amador. Meu propósito é tentar expor o que deduzi a partir da história, e que muitos outros, estou convencido, poderiam deduzir sem precisar se tornar especialistas.

Agora, em primeiro lugar, se a história não é necessária à sua carreira, não há nenhum sentido em lê-la, a menos que por ela simpatize e a considere interessante. Não digo que a única função da história seja proporcionar satisfação – longe disso. Ela possui muitas outras utilidades, que tentarei explicar ao curso deste ensaio. No entanto, a história não disporá dessas utilidades senão àqueles que a apreciem. Isso é igualmente verdadeiro a coisas tais como a música, a pintura e a poesia. Estudar essas coisas ou porque você é obrigado, ou porque deseja ser culto, torna quase impossível adquirir o que elas têm a oferecer. Shakespeare escrevia com o intento de causar deleite, e se o leitor tem algum gosto por poesia, ele o deleitará. Mas se ele não o faz, é melhor deixá-lo em paz. É algo um tanto deprimente impô-lo às crianças em fase escolar até que odeiem ouvir a simples menção do seu nome; trata-se de um insulto a ele e uma injúria a elas. A *oportunidade* de apreciá-lo lhes deve ser oferecida, e frequentemente será bem-sucedida se tomar a forma de apresentação de uma peça; àqueles para quem ele é meramente um enfado, entretanto, deveria ser permitido ocupar o seu tempo de alguma outra maneira. O mesmo caso não se aplica à história, pois um mínimo de história deve ser ensinado nas escolas. Todavia, o que quer que vá além desse mínimo apenas deveria ser aprendido por aqueles que desejam conhecê-lo, e mesmo o mínimo deveria ser feito tão divertido e agradável quanto possível. A maioria das crianças, antes de ingressar nas escolas, tem o desejo de saber; em muitos casos é o mau ensino que as torna ineptas e desinteressadas.

Há história em grande escala e história em pequena escala: cada uma tem valor, mas seus valores são diferentes. A história em grande escala ajuda-nos a compreender como o mundo se desenvolveu até o que ele é; a história em pequena escala faz-nos conhecer homens e mulheres interessantes, e oferece conhecimento acerca da natureza humana. Ambas devem ser aprendidas concomitantemente a partir da primeira. O método, nas séries iniciais, deveria ser amplamente por meio de filmes com diálogos explicativos.

A história de grande escala responde (na medida em que pode ser respondida) à questão “como as coisas vieram a ser o que são?”, a qual é interessante à maioria das crianças inteligentes. Dever-se-ia partir do Sol dando à luz os planetas, e devia-se mostrar a Terra como uma bola incandescente, esfriando gradualmente, com terremotos, vulcões, mares em ebulição e dilúvios de chuva quente. Então gradativamente as diversas formas de vida deveriam ser exibidas segundo sua ordem de aparição – florestas de samambaias, flores e abelhas, peixes pitorescos, répteis gigantes disputando batalhas furiosas na lama, aves desmazeladas que acabaram de aprender a voar, mamíferos, a começar com os pequenos, mas progressivamente crescendo com êxito mais e mais. Eis que doravante surge o homem primata: o *Pithecanthropus erectus*, o Homem de Piltdown<sup>2</sup>, o Homem de Neandertal, o Homem de Cro-Magnon. Ele deveria ser visto esvoaçando de feras selvagens até o topo das árvores, descobrindo o fogo e destarte conquistando segurança nas cavernas, escapando de tigres dentes-de-sabre em palafitas, capturando mamutes em armadilhas abertas no chão, progressivamente aperfeiçoando suas armas e fazendo de si mesmo, por meio da inteligência, e não pela força, o Senhor da Criação.

Assim temos o despontar da civilização – a agricultura no Vale do Nilo e na Babilônia, o florescimento da arte cerâmica, a evolução da pedra ao bronze, e, por conseguinte, ao ferro. Ao mesmo tempo poderiam ser mostrados os primeiros governos e religiões civilizados – reis egípcios e suas pirâmides e escravos operários, misteriosos templos sombrios apenas iluminados uma única vez ao ano pelo Sol nascente no solstício de verão, os exércitos e a magnificência dos palácios. Tudo isso, em imagens, encantaria quase toda criança, e a traria, por etapas fáceis, ao ponto onde a história escrita começa.

Há um aspecto da história de grande escala em que houve um aumento extraordinário do nosso conhecimento nos últimos cem anos – refiro-me à história das civilizações primitivas. Este assunto tem um grande poder de fascínio, em parte por si mesmo, e parte graças à missão de detetive a que nos convida. O primeiro grande passo foi a decifração do cuneiforme, a escrita dos babilônios e dos persas. Através das tabuletas que foram escavadas, agora se sabe algo significativo acerca das leis, costumes e métodos comerciais da antiga Mesopotâmia. Há também a tão impressionante civilização minoica de Creta, da qual na Grécia clássica apenas algumas poucas lendas sobreviveram. Infelizmente, os hieróglifos cretenses não podem, até agora, ser lidos, mas de sua arquitetura e escultura pode-se aprender um bom quinhão. Parece que as classes superiores cretenses eram luxuriosas e assaz decadentes, amantes de touradas nas quais empregavam mulheres toureiras que realizavam as mais inacreditáveis façanhas acrobáticas. Foi somente nos tempos modernos que as nações descobriram como ser civilizadas sem ser decadentes. Os cretenses, tornados efeminados pela luxúria, parecem ter sido devastados por piratas gregos, que até então ainda eram bárbaros. Entrementes, durante as vitórias gregas sobre os persas um milênio ou mais após a queda de Creta, a civilização grega poderia ter desaparecido tão completamente como aquela da era minoica.

A história do desenvolvimento das artes e ofícios, em seus delineamentos mais gerais, pode se tornar interessante para crianças bem jovens se for apresentada em imagens com diálogos explicativos. É válido conhecer o desenvolvimento das habitações, dos transportes, dos navios e da agricultura antes de iniciar qualquer estudo pormenorizado de história; apreende-se um senso geral do progresso técnico, lento no começo, e então gradualmente cada vez mais rápido, e ajuda a formar um panorama imaginativo da vida diária em épocas muito remotas da nossa. O papel

<sup>2</sup> Descoberto em 1912 pelo arqueólogo amador Charles Dawson, o Homem de Piltdown, durante décadas acreditado ser um elo evolutivo entre o macaco e o homem. A partir de 1953, foi considerado uma fraude pela comunidade científica. O presente ensaio de Bertrand Russell foi escrito em 1943. (N. T.)

desempenhado por grandes rios nos primórdios da civilização é algo que uma criança inteligente de seis ou sete anos consegue entender. É um erro iniciar a educação inteiramente a partir do que é familiar; as crianças têm mais livre imaginação do que o têm os adultos, e elas tiram proveito de representações imaginárias de coisas muito diferentes com as quais eles estão habituados. Observa-se isso no prazer que quase todas as crianças encontram ao brincar de índio.

À diferença dos primeiros, os últimos tópicos da história de grande escala são, no seu principal, menos adequados a crianças muito jovens; provavelmente, na maior parte dos casos, elas deveriam aguardar até à faixa aproximada dos dez anos. Poder-se-ia explicar, assim, que houve três grandes eras de progresso: a primeira, quando a agricultura fora descoberta, quando os reis tornaram-se poderosos e os Estados começaram a ampliar-se, quando vastas construções foram erigidas em honra a reis e divindades, quando a técnica da escrita fora inventada, os babilônios descobriram os rudimentos das matemáticas, e as artes da guerra e da paz saíram da fase bárbara. A seguir, após milênios de anos de petrificação, veio a grande era da Grécia, do tempo de Homero (tenha ou não existido) à morte de Arquimedes nas mãos de um soldado romano. Então mais um longo período de decadência e trevas, seguido pelo progresso incrivelmente rápido do século XV até os dias atuais. Ao longo da história documentada, o progresso foi a exceção, não a regra; mas quando adveio, foi súbito e decisivo.

No decurso desta investigação, certos princípios importantes não devem emergir sem ser devidamente enfatizados. Períodos de estagnação são aqueles durante os quais os indivíduos se sentem impotentes; períodos de progresso são aqueles durante os quais os homens sentem que grandes realizações são possíveis, e nas quais anseiam tomar parte. Houve em tempos recentes uma tendência perigosa, não dissociada do totalitarismo, de pensar unicamente em termos de coletividades absolutas, e desprezar as contribuições dos indivíduos. Não obstante, considere: algum sujeito ou sujeitos inventaram a roda, entretanto no continente americano ela era desconhecida até os homens brancos a introduzirem. Provavelmente não foi um único homem que a inventou, e sim muitos homens, a partir de troncos de madeira utilizados como rolamentos; a despeito de como pode ter sido, a diferença que esses homens fizeram à civilização é incomensurável. A necessidade do gênio individual é mostrada pelo fato de que Maias e Incas, malgrado altamente civilizados em alguns aspectos, jamais conceberam essa simples invenção. A diferença entre o nosso mundo e o mundo antes da revolução industrial é devida às descobertas e invenções de um pequeno número de homens; se, por algum infortúnio, alguns milhares de homens de capacidade excepcional houvessem perecido na infância, a técnica de produção seria hoje muito pouco diferente do que era no século XVIII. Indivíduos podem realizar grandes feitos, e o professor de história deveria deixar isso claro a seus alunos. É que, sem esperança, nada com importância pode vir a ser.

A história mostra que a semente da civilização em novas áreas, em contraparte à sua intensificação em uma dada região, deve-se amiúde à conquista militar. Quando um grupo mais civilizado conquista outro que é menos civilizado, os conquistados, se não estiverem demasiado aquém de seus conquistadores, aprendem em pouco tempo o que quer que seus mestres tenham a ensinar. Mas acontece também o inverso: quando os conquistadores são menos civilizados, e se a guerra de conquista não foi muito longa ou muito destrutiva, são capazes de aprender com seus súditos. A civilização grega foi difundida ao longo do oriente pelas vitórias de Alexandre, porém ao longo do ocidente pelas derrotas infligidas aos gregos pelos romanos. A Gália e a Espanha foram civilizadas ao se tornarem subordinadas a Roma; os árabes, ao contrário, foram civilizados por conquistarem porções orientais do Império Romano. Todavia, apesar da conquista ter tido um grande efeito em expandir a área da civilização, em geral

ela prejudicou sua qualidade. A Grécia era menos civilizada depois de Alexandre do que antes, e Roma nunca foi tão civilizada quanto a Grécia o foi.

Algumas das pessoas que escrevem história de grande escala são movidas pelo desejo de demonstrar alguma “filosofia” da história; acreditam elas haver descoberto certa fórmula segundo a qual se desenrolam os eventos humanos. Os mais notáveis são Hegel, Marx, Spengler, e os intérpretes da Grande Pirâmide e sua “mensagem divina”. Diversos tomos enormes (alguns dos quais eu possuía) foram escritos sobre a Grande Pirâmide, mostrando que ela predizia os cursos principais da história do tempo em que foi construída até à data da publicação do tomo em questão. Logo após aquela data, era para haver guerras no Egito, os judeus eram para retornar à Palestina, e em seguida era para haver o Segundo Advento e o fim do mundo. Houve guerras no Egito, e os judeus estão retornando à Palestina, de modo que a questão é preocupante. No entanto, ainda há um bom número de judeus fora da Palestina, então talvez a mensagem da Grande Pirâmide não seja para o futuro imediato.

A teoria da história de Hegel não é nem um pouco menos fantástica. Segundo ele, há uma coisa chamada “A Ideia”, que está sempre lutando para se tornar a *Ideia Absoluta*. A Ideia encarna-se primeiro em uma nação, e a seguir em outra. Ela começou com a China, mas vendo que não poderia ir tão longe, emigrou para a Índia. Então tentou os gregos, e depois os romanos. Satisfez-se muito com Alexandre e César – é digno de nota que ela sempre prefira homens militares a intelectuais. Após César, no entanto, ela começou a pensar que nada mais havia a ser feito com os romanos, e depois de hesitar durante quase quatro séculos, decidiu-se pelos alemães, a quem amou desde então, e ainda amava no tempo de Hegel. Entretanto, o seu domínio não é para ser eterno. A Ideia sempre viaja em direção ao ocidente, e após deixar a Alemanha migrará para a América, onde encorajará uma grande guerra entre os Estados Unidos e a América Latina. Depois disso, se ela continuar a viajar para o ocidente, suponho que alcançará o Japão, mas isso Hegel não diz. Quando ela tiver viajado por todo o mundo, a Ideia Absoluta tornar-se-á realidade, e a humanidade será feliz por todo o sempre. A Ideia Absoluta corresponde ao Segundo Advento.

É estranho que essa teoria fantástica – tão absurda, a seu modo, quanto a superstição sobre a Grande Pirâmide – deva ter sido aceita como o zênite da sabedoria por inumeráveis professores, não apenas na Alemanha, onde ela recorre ao orgulho nacional, mas na Inglaterra e na América, onde não há tal privilégio casual. O que é ainda mais surpreendente é que ela subjaz a doutrina de Marx, a qual é glorificada pelos seus discípulos como a última palavra em tudo o que é científico. Marx fez, é verdade, algumas modificações: a “Ideia” foi substituída pelo modo de produção, as sucessivas nações encarnando a Ideia foram substituídas por classes consecutivas. Mas o velho maquinário mitológico ainda subsistiu. A Revolução Comunista substituiu o Segundo Advento, a ditadura do proletariado representava a ordem dos santos, a União das Sociedades Socialistas<sup>3</sup> era o substituto emocional para o milênio. Como os primeiros cristãos, Marx aguardava o milênio bem próximo; como os sucessores daqueles, ele foi desapontado – mais uma vez, o mundo se provou recalitrante a uma fórmula elegante incorporando as esperanças de certa fração da humanidade.

Mas nem todas as fórmulas gerais que prometem demarcar o curso da história passada e futura são otimistas. Spengler reviveu em nossos dias a doutrina estoica dos ciclos periódicos, a qual, se levada a sério, reduz todos os esforços humanos à completa esterilidade. De acordo com Spengler, há uma série de civilizações, cada uma repetindo em detalhe considerável o padrão de suas antecessoras, cada uma ascendendo lentamente à maturidade e, a seguir, naufragando em decadência inevitável; a derrocada de nossa civilização começou em 1914, e nada que possamos

<sup>3</sup> *Socialist Commonwealth* é a expressão original empregada pelo autor. (N. T.)

fazer deterá a marcha de nosso mundo em direção à senilidade. Esta teoria, felizmente, é tão infundada quanto é desalentadora. Os ciclos precedentes requerem um arranjo demasiado artificial da história, com muito mais ênfase em alguns fatos e muito pouco em outros. Mesmo se este não fosse o caso, os exemplos de civilizações passadas são muito poucos para justificar uma indução. Ademais, ela negligencia as novidades qualitativas introduzidas pela ciência, bem como a inovação quantitativa proveniente do caráter mundial das guerras modernas, envolvendo a possibilidade de uma dominação mundial dos vitoriosos. O pregador disse que não há nada de novo debaixo do Sol<sup>4</sup>, mas ele não o teria dito se pudesse ter visto uma grande usina energética ou uma batalha na estratosfera. Essas coisas, é preciso admitir, poderiam não o ter impedido de dizer que “tudo é vaidade”, mas essa é uma outra questão.

Há coisas a serem aprendidas com a história, mas elas não são fórmulas gerais simples que só podem se tornar plausíveis pela omissão de metade dos fatos. Homens que fazem filosofias da história podem ser dispensados como fabricantes de mitologias. Subsistem duas funções muito diferentes que a história pode desempenhar. Por um lado, ela pode perseguir generalizações relativamente curtas e modestas tais que podem constituir o início de uma ciência (em oposição a uma filosofia) da história. Por outro lado, ela pode, por meio do estudo de indivíduos, procurar combinar os méritos da poesia dramática ou épica com o mérito da verdade. Não estou disposto a colocar qualquer uma dessas duas funções acima da outra. Elas são muito distintas, apelam a diferentes tipos de mente, e demandam métodos diversos. Podem-se tomar “*Middletown*”<sup>5</sup> e as *Vidas* de Plutarco como exemplos dos dois tipos de história. Eu não desejaria ser privado de nenhuma delas, entretanto, as satisfações que proporcionam são tão distantes entre si quanto o são os polos. Uma vê o homem objetivamente, tal quais os corpos celestes são vistos por um astrônomo; a outra recorre à imaginação, e visa a oferecer-nos a espécie de conhecimento que cavaleiros experientes têm dos cavalos – um conhecimento mais sentido do que exprimido, o qual seria impossível de traduzir à linguagem da ciência, mas que nem por isso é menos útil em assuntos práticos.

A história científica é uma invenção moderna. Deixemo-la, portanto, à parte no momento, e consideremos o que pode ser ganho pela leitura de alguns dos grandes historiadores do passado.

Heródoto, a quem se chama o “Pai da História”, vale a pena ser lido por uma série de razões. Em primeiro lugar, ele é repleto de histórias hilárias. Quase no início do livro, há a história do vaidoso rei Candaules<sup>6</sup>, que se lamentava por ninguém além de si mesmo conhecer totalmente a beleza de sua rainha, pela qual queria ser invejado. Assim, ele escondeu Gigés, seu Primeiro Ministro, atrás de uma cortina, de onde este poderia ver a rainha despir-se para o banho. Mas ela viu seus pés para fora, e queixou-se de que ele a ofendera mortalmente. Então naquele momento ela lhe fez este discurso: “Você tem só duas alternativas para expiar seu ultraje”, disse ela, “ou deve sofrer a morte, ou deve matar o rei e desposar-me.” Gigés não teve dificuldades para fazer a sua escolha, e tornou-se o fundador da dinastia que findou com Creso. Heródoto é cheio de tais histórias, das quais ele não é dissuadido por quaisquer escrúpulos quanto à fidedignidade da história. Tampouco o respeito pelos fatos impele-o a abster-se do drama; o relato da derrota de Creso por Ciro<sup>7</sup> é uma narrativa fascinante, ainda que em parte obviamente mais lenda que história.

Para todo aquele que é atraído por antropologia, Heródoto é interessante por sua descrição de vários costumes bárbaros que havia em sua época. Às vezes ele está simplesmente a recontar anedotas de viajantes, mas em muitos casos é corroborado

<sup>4</sup> Eclesiastes 1, 9. (N. T.)

<sup>5</sup> *Middletown: a study in contemporary american culture* (1929), de Robert S. Lynd e Helen Merrell Lynd. (N. T.)

<sup>6</sup> Candaules ou Candolo, rei da Lídia. (N. T.)

<sup>7</sup> Rei dos Persas responsável pela vitória sobre os lídios. (N. T.)

pela pesquisa moderna. Sua abordagem de nações e povos que lhe eram conhecidos é diligente e rica, e garante uma introdução admirável a um leitor previamente imperito.

O tema principal de sua história é o conflito entre a Europa e a Ásia, culminando, em sua época, nas derrotas dos persas em Maratona e Salamina. Ao longo de todos os séculos subsequentes essa tensa batalha perlongou. Salamina marcou o fim da expansão dos asiáticos rumo ao ocidente no tempo dos gregos; depois veio a conquista europeia da Ásia pelos macedônios e romanos, cessando na época de Trajano, e seguida por um longo período de ascensão asiática. Limites foram impostos à extensão da conquista asiática pela derrota de Átila em Châlons, durante o século V, e dos mouros em Tours, no século VIII; a última grande vitória asiática foi a conquista de Constantinopla, em 1453. Nos séculos vindouros, a Europa teve superioridade inquestionável por intermédio da técnica científica; o primeiro sinal de um movimento contrário foi a derrota da Rússia pelos japoneses na guerra de 1904-5. Quão longe este movimento contrário irá é impossível adivinhar, pois, embora o Japão será sem dúvida derrotado<sup>8</sup>, Índia e China suceder-lhe-ão como líderes da Ásia. Todos esses grandes acontecimentos seculares inserem-se no quadro sugerido por Heródoto.

Tucídides, o segundo dos grandes historiadores, possui um tema menor que o de Heródoto, porém o trata com mais técnica e com um olhar mais zeloso sobre a exatidão. Seu assunto é o conflito de Atenas e Esparta na guerra do Peloponeso. Sua história, como salientara Cornford<sup>9</sup>, é moldada pela tragédia grega: Atenas, a sua cidade amada, que finalmente foi vencida, é como o típico herói, guiada pelo Destino e pelo orgulho presunçoso a um desastroso, mas não inglorioso fim. Seu estilo é rigoroso e atém-se estritamente ao que é relevante; não há quaisquer digressões anedóticas, e pouco há que seja cômico. Não obstante, há uma apresentação, cheia de grandeza épica, do espetáculo de homens condenados pelo Destino à insensatez, continuamente a fazer as escolhas erradas quando um só acerto ter-lhes-ia trazido a vitória, tornando-se perversos devido à exasperação, e caindo enfim em ruína incontornável. Trata-se do tema que conduz à mente grega. Uma grande Força impessoal, indiferentemente chamada de Destino, Justiça ou Necessidade, rege o mundo, e foi superior aos deuses. Seja qual for o país, a pessoa ou a coisa que ultrapassara os limites estabelecidos, terá sofrido o castigo do orgulho. Esta era a verdadeira religião dos gregos, e Tucídides magnificamente a ilustrou em sua história.

Plutarco, desde a renascença, foi o mais influente dos historiadores antigos, não com efeito entre os autores de história, para os quais ele não é digno de crédito, e sim entre estadistas práticos e teóricos políticos. Para citar apenas dois exemplos: Rousseau e Alexander Hamilton devem a inclinação de suas mentes em grande parte a ele; suas máximas muniram Rousseau com doutrinas, e seus heróis suprimam Hamilton com ambições. O leitor a quem até hoje ele tão somente não passou de um grande nome provavelmente se surpreenderá ao descobrir que ele é um simples escritor de anedotas, que não consegue resistir a uma boa história e, exceto em alguns poucos casos, é deveras fiel ao relatar e que exagerou até mesmo os defeitos de seus heróis. Ele conta, por exemplo, que Marco Antônio, quando já era um importante general, escandalizava ao viajar por toda a parte com uma atriz de terceira categoria, a quem ainda à força concedeu as mais elevadas honras provinciais. (Isso foi antes de galgar a posição a partir da qual poderia cobiçar as rainhas.) Ele narra como César, ainda jovem, meteu-se em confusão por ler uma carta de amor da mãe de Brutus durante uma reunião no senado, onde a ninguém era permitido ler coisa alguma. E dessa forma ele prossegue a retratar César com aquele aspecto ligeiramente ridículo de pomposidade que Shakespeare preservou. Seus heróis não são personalidades-modelo

<sup>8</sup> Lembremos que o presente ensaio foi escrito em plena Segunda Guerra Mundial. (N. T.)

<sup>9</sup> Francis MacDonalld Cornford (1874-1943), filólogo e poeta inglês. (N. T.)

de perfeição; são homens concretos, que poderiam ter existido mesmo se porventura nunca existiram.

Há várias formas admiráveis de se escrever a história; três delas são ilustradas por Heródoto, Tucídides, e Plutarco; uma quarta é elucidada por Gibbon. Gibbon, deve-se admitir, possui graves defeitos. Sua erudição, para os padrões modernos, é inadequada; seus personagens, mesmo quando são bárbaros, têm uma fragrância do século XVIII, tal como os canibais de Voltaire; governos, príncipes e guerras menosprezam os homens comuns e os fatos econômicos mais do que um leitor moderno poderia desejar. Mas quando se tolera tudo isso, ele permanece tanto um grande como um apreciável escritor.

Seu talento e ironia – especialmente quando os emprega para desdenhar a superstição – são inimitáveis. Mas sua principal virtude é que, a despeito dos seus retratos de indivíduos serem muitas vezes decepcionantes, sua percepção do curso dos grandes eventos é certa e impecável. Ninguém jamais representou melhor o palco vivo da história do que ele. Tratar num só livro todo o período que vai dos séculos II d.C. ao XV d.C. foi uma empreitada colossal, no entanto ele nunca perdeu de vista a unidade do seu tema, ou as proporções a serem mantidas entre suas várias partes. Isso exige um grande senso de totalidade que está além do domínio da maioria dos homens, o qual, para todos os seus defeitos, coloca Gibbon na primeira posição entre os historiadores.

Mas ler os grandes historiadores não é o bastante; muito do que é importante, muito do que é aprazível e divertido só se pode descobrir através da livre leitura de biografias e memórias. Os professores não nos devem impedir de perceber que a história é recheada de diversão, e que as coisas mais bizarras realmente acontecem. Descobri que os maiores prazeres oriundos do estudo da história somente vêm à tona se conhecermos muito bem determinado período, para então cada novo fato encaixar-se em seu devido lugar no quebra-cabeça. Até se conhecerem muitos detalhes particulares sobre um homem proeminente, é impossível julgar se ele era ou não realmente tão extraordinário quanto nos parece. Alguns grandes homens tornam-se ainda maiores quanto mais os estudamos; devo mencionar Spinoza e Lincoln como exemplos. Napoleão, por outro lado, visto de perto, torna-se uma figura ridícula. Quiçá a culpa não foi sua quando, na noite de seu casamento com Josefina, o cão dela, um exemplar da raça pug, tenha-lhe mordido a perna enquanto ele se dirigia à alcova; todavia, em muitas ocasiões nas quais ele aparece em situações constrangedoras, toda a culpa era claramente sua. No decorrer de uma das suas muitas querelas com Talleyrand, seu secretário de relações internacionais, ele o insultou de ser coxo e possuir uma esposa infiel; depois que ele partiu, Talleyrand encolheu os ombros, virou-se para os presentes, e observou: “É uma pena que um homem tão grande deva ter esses maus modos.” Seu casamento com Marie Louise foi celebrado por procuração, e ele viajou até as fronteiras da França para conhecê-la. Uma cerimônia magnífica foi organizada, incluindo um banquete público em que eram para estar presentes todos os grandes homens e mulheres do círculo de Napoleão. Chegou a hora do jantar; o tempo passava e o imperador e a imperatriz não apareciam. A corte do chamberlain<sup>10</sup> estava perplexa e em desespero. Por fim, graças a discretas averiguações, ele descobriu que Napoleão não pôde esperar até depois do jantar para deliciar-se com os favores da filha de um imperador<sup>11</sup>. O czar Alexandre I captara bem o seu gesto, mas o enganou por completo ao dissimular ser um simples jovem incauto. No auge da sua aparente amizade com Napoleão, escreveu à sua mãe, para dizer: “Quem ri

<sup>10</sup> O camareiro da corte imperial. (N. T.)

<sup>11</sup> Marie Louise ou Maria Luísa, a segunda esposa de Napoleão Bonaparte, era filha do imperador Francisco I da Áustria. (N. T.)

por último, ri melhor.” Na correspondência dos dois imperadores, toda a perspicácia está do lado de Alexandre, do lado de Napoleão, toda a prepotência. É lastimável que os historiadores hajam malogrado em destacar as facetas ridículas de Napoleão, pelo que ele se tornou um mito e uma lenda, inspirando a fascinação pela conquista bélica e o culto do super-homem militar. Sua influência foi particularmente negativa sobre os alemães, que ao mesmo tempo o admiravam e contra quem ansiavam por vingança, por conta das humilhações a que ele os submetera. Se pudessem tê-lo satirizado, sua vingança poderia ter custado menos à humanidade.

Encontros de homens eminentes de personalidades muito diferentes são muitas vezes engraçados e algumas vezes surpreendentes. Dois homens não poderiam ser mais opostos do que Robert Owen e o czar Nicolau I. Robert Owen foi o fundador do socialismo, um ateu apaixonado e um agitador subversivo durante parte da sua vida. Nicolau era um tirano feroz, cujo reinado foi de negro terror; foi ele quem deportou Dostoiévski para a Sibéria e enviou Bakunin à prisão da Fortaleza de Pedro e Paulo. Ninguém teria esperado que esses dois homens gostassem um do outro, e, no entanto, seu primeiro e único encontro foi o mais cordial; é verdade que ocorrera antes de Nicolau tornar-se imperador e Owen socialista. Nicolau percorreu todo o caminho até New Lanark, na Escócia, para visitar a fábrica modelo de Owen; viu tudo, aprovou tudo, e convidou o filantropo para fundar fábricas semelhantes na Rússia. Owen ficou tão embevecido que deu toda a sua prata ao distinto visitante – para a indignação nada pequena da senhora Owen. O que mais tarde pensavam um do outro na vida a história não registra.

Por outro lado, Goethe e Beethoven, que podem ter esperado gostar um do outro, não o fizeram, porque, quando o compositor visitou o poeta em Weimar, o poeta tentou dar lições de etiqueta da corte, e Beethoven indignadamente insistiu em se comportar como lhe convinha.

Uma grande quantidade de tolices foi escrita sobre Aristóteles e Alexandre, já que, como ambos eram grandes homens, e Aristóteles foi preceptor de Alexandre, supõe-se que o tutor deva ter influenciado muito o pupilo. Hegel vai ainda mais longe ao dizer que a carreira de Alexandre atesta o valor da filosofia, porquanto sua sabedoria prática pode ser atribuída a seu mestre. Na verdade, não há uma mísera evidência de que Aristóteles tivera afinal qualquer influência sobre Alexandre, que odiava seu pai, e era rebelde contra qualquer um a quem seu pai dava autoridade sobre ele. Há determinadas cartas que, afirma-se, são de Alexandre a Aristóteles, mas em geral são consideradas falsificações. Na realidade, os dois homens desprezavam-se mutuamente. Enquanto Alexandre estava conquistando o oriente, e gerando a era em que as cidades-estados serão substituídas por aquela dos grandes impérios, Aristóteles continuava a escrever tratados sobre política que nunca mencionavam o que estava ocorrendo, mas discutiam detalhadamente as constituições de várias cidades que já não tinham mais importância. É um engodo supor que grandes homens contemporâneos são suscetíveis de aperceber-se reciprocamente a grandeza; o contrário acontece muito mais frequentemente. Voltaire e Frederico o Grande, após uma efêmera amizade, tornaram-se inimigos mordazes. Frederico escreveu versos em francês que Voltaire mais criticou do que elogiou; Voltaire fez gracejos de Maupertuis, de quem Frederico fez Presidente permanente da Academia de Berlim; e, finalmente, Voltaire fugiu para a França trazendo consigo um volume manuscrito de versos satíricos de Frederico sobre Madame de Pompadour. Após esses eventos, a queda de Voltaire pelos monarcas voltou-se para a adulação de Catarina, a Grande.

A história é indispensável para ampliar nosso conhecimento da natureza humana, porque ela mostra como se deve esperar que as pessoas possam reagir em novas situações. Muitos homens e mulheres proeminentes têm comportamentos completamente ordinários, e excepcionais somente em dadas circunstâncias. A conduta da mulher casada comum é intimamente delimitada por considerações da ordem da prudência.

Ela aspira a ser mais respeitada que suas vizinhas; ela não deve trazer desgraça sobre seu marido pelo temor de perda de renda; ela não pode maltratar seus filhos abertamente, pelo receio de angariar má reputação. Houve, entretanto, algumas mulheres que puderam fazer o que queriam; eram elas imperatrizes reinantes. Se as tomarmos como amostras do que as mulheres poderiam fazer caso se atrevessem, deveríamos estar gratos às restrições sociais. A maioria delas assassinou ou aprisionou os filhos, e muitas vezes os maridos; quase todas tiveram inumeráveis amantes. Catarina a Grande – “A Semíramis do Norte”<sup>12</sup>, como Voltaire a chamava –, quando ficou muito velha e obesa, tinha de pagar a seus amantes enormes ordenados. Mesmo assim eles tentariam escapar através da fronteira, mas se fossem capturados seria ainda pior para eles. É interessante especular quais de nossas respeitáveis vizinhas comportar-se-iam desta maneira se por acaso fossem imperatrizes.

Assim que se conhece o pano de fundo geral da história de certo período, torna-se agradável e proveitoso ler as cartas e memórias da época. Não só elas contêm muito detalhe íntimo que torna possível reviver o que os homens daquele tempo realmente viveram, mas também há vantagem de que os escritores não sabiam o que ia acontecer, como sabem os historiadores. A função do historiador é relatar o que inevitavelmente se passou, de tal forma que chega a parecer como se os contemporâneos tivessem previsto os próximos eventos. Tudo se torna muito mais vívido quando se veem os erros e as preocupações daqueles que conseguiriam apenas adivinhar o desfecho, e amiúde anteviam errado. Causa espanto, frequentemente, a preocupação com coisas pequenas quando grandes coisas estão acontecendo. Quando o retorno de Napoleão a partir de Elba coagiu os Bourbon a fugir, Luís Filipe<sup>13</sup> escreveu inumeráveis cartas de lamentação, não sobre assuntos públicos, mas sobre os espasmos de tosse dos filhos. Quando o Conde Granville Leveson Gower foi obrigado a fugir de Austerlitz, o que mais o preocupava era que as estradas eram esburacadas e que os amortecedores de sua carruagem estavam com defeito. Quando Cícero partiu da Itália para escapar da proscricção do segundo triunvirato, acabou voltando, porque considerara que os enjooos em alto mar eram piores do que a morte.

Mas já é hora de pôr um fim às frivolidades e examinar alguns dos aspectos mais sérios da história. Há tantos que é até difícil saber com qual começar; talvez seja natural agora pensar primeiro na história militar. Não me refiro à descrição dos detalhes das batalhas, de que há abundância na maioria dos livros de história; refiro-me aos efeitos da mudança das formas de combate sobre a vida geral da sociedade, e à relação entre a carreira militar e outras formas de sucesso. A guerra é geralmente romantizada, mas trata-se na verdade de um negócio como outro qualquer. A maioria das pessoas imagina que Joana d’Arc tivera um grande papel na reconstrução da França após as derrotas infligidas pelos ingleses sob Henrique V. Eu também o pensava até descobrir que a causa real do êxito francês foi a importância crescente da artilharia. Os ingleses dependiam dos seus arqueiros, que eram capazes de derrotar os cavaleiros franceses; mas eram impotentes contra o canhão. Em toda a Europa Ocidental, durante os 60 anos seguintes ou mais a Joana d’Arc, a nova forma de guerrear permitiu aos reis subjugar os barões desordeiros que provocaram séculos de anarquia. Ambos, poder despótico e ordem civil, foram trazidos à Europa Ocidental pela pólvora. Ambos serão levados ao mundo inteiro pelo avião? Ou este levará apenas um dos dois, e se assim o for, qual?

A Revolução Francesa introduziu um novo tipo de guerra, um no qual a nação inteira participa entusiasticamente porque crê em que há algo de precioso para defender.

<sup>12</sup> Serímanis, segundo a lenda persa, foi uma rainha da Babilônia, responsável pelos famosos Jardins Suspensos da Babilônia e por inúmeras cidades. (N. T.)

<sup>13</sup> Luís Filipe I, Rei da França de 1830 a 1848. (N. T.)

Guerras eram outrora um negócio de reis ou de pequenas aristocracias; os exércitos eram formados por mercenários, e a população em geral as via com indiferença. Se Luís XIV conquistasse alguma parte da Alemanha, isso era um aborrecimento para alguns príncipes e seus bajuladores, mas fazia muito pouca diferença à maior parte das pessoas. Todavia, quando todos os reacionários da Europa decidiram trabalhar em conjunto a fim de destruir a França revolucionária e restaurar os Bourbons, todo camponês que fora liberto dos encargos feudais e que conquistara certa porção da terra de seu suserano sentiu que havia algo pelo qual lutar. Assim, toda a intelectualidade científica da França pôs-se a desvelar novos métodos de produzir explosivos mais poderosos, ou contribuir de outra forma para as campanhas de guerra. O resultado estremeceu o mundo, e os sucessos da França foram saudados por boa parte da Alemanha e da Itália. Após a tirania de Napoleão transformar os antigos amigos da França em inimigos, a Alemanha, durante a guerra de 1813, participou de uma guerra popular semelhante, mas desta vez com um sucesso mais duradouro. Daquela época até os dias de hoje, os governos compreenderam cada vez mais a necessidade de fazer guerras populares, e têm empregado a potente arma da educação popular para esse fim. A democracia, como uma forma de governo, possui a vantagem de fazer de todo mundo um participante da guerra. Penso que se pode duvidar (e Goebbels concorda comigo nisso) se um país sob um regime antidemocrático seria tão impassível ao desastre como a Inglaterra em 1940<sup>14</sup>. Essa é uma das mais fortes razões para manter a esperança na sobrevivência da democracia.

Diz-se algumas vezes que a vitória na guerra deve-se sempre a recursos econômicos superiores, no entanto, a história mostra que este não é de forma alguma sempre o caso. Os romanos, no começo das Guerras Púnicas, detinham recursos muito inferiores aos dos cartagineses, e ainda assim foram vitoriosos. Quando o Império Romano desabou, este foi tomado por invasores alemães e árabes, que por seu turno nada tinham exceto bravura e ambição. A decadência da Espanha no final do século XVI e durante o século XVII deve ser atribuída quase inteiramente à ignorância e ao fanatismo, não à escassez de recursos. Na guerra atual<sup>15</sup>, a despeito de recursos superiores, os Aliados perderam a França, a Península da Malásia, a Birmânia, as Filipinas, as Índias Orientais Holandesas, o petróleo romeno e os cereais ucranianos; recuperá-los-ão, não restam dúvidas, mas sua perda mostra o que pode ser feito por nações que devotam todas as suas energias à guerra. Tudo o que pode ser dito é que, dadas a mesma competência e a mesma determinação, o lado que dispor de recursos econômicos superiores vencerá no longo prazo.

Tempos muito recentes introduziram, no entanto, uma importante mudança na guerra, análoga àquela provocada pela pólvora. Tal como a pólvora dera aos reis supremacia sobre os barões, assim as armas modernas deram supremacia às grandes nações industriais, quando comparadas às que são pequenas ou não industrializadas. Nos velhos tempos, uma pequena nação poderia resistir contra uma grande durante anos; agora consegue fazê-lo por no máximo algumas semanas. As grandes nações industriais, em termos do poder de sua indústria, são os Estados Unidos, Alemanha, Rússia, Grã-Bretanha e Japão; o restante não se encontra em parte alguma (exceto a China, que tem mostrado impressionante força de defesa). Todo o poder de primeira classe na guerra está concentrado entre esses cinco; se dois deles forem derrotados, concentrar-se-á entre três. Acredito que qualquer estudante de história da guerra deva concluir que a questão final será o apoderamento de toda a força militar por um

---

<sup>14</sup> 1940 é o ano em que a Alemanha nazista atacou a Grã-Bretanha. (N. T.)

<sup>15</sup> A Segunda Guerra Mundial (1939-1945). (N. T.)



governo, o qual provavelmente será uma federação<sup>16</sup> de vários governos nacionais. Haverá preconceitos e empecilhos psicológicos a serem vencidos, todavia a mera pressão do fato militar deverá tornar-se irresistível no fim – embora quanto tempo e quantas guerras depois eu não me aventure a prever.

Uma área particularmente importante da história é a história econômica. Infelizmente, estudaram-se muito superficialmente os períodos antigos ou medievais, porquanto os fatos são na maioria das vezes difíceis de determinar. Há, entretanto, se comparada com segmentos mais velhos da história, o mérito de concentrar-se no homem comum ao invés de no indivíduo excepcional. Tinha o camponês egípcio, no tempo em que as pirâmides estavam sendo construídas, o suficiente para comer? Quão intolerável era o destino dos escravos nos tempos de Roma? Quem era explorado para gerar a receita que permitia a Platão viver sem preocupação? O que deu errado com a estrutura econômica do Império Romano no final do século 2 d.C.? Quão favorecido era um habitante médio de uma próspera cidade comercial na Idade Média? Era a sorte do trabalhador agrícola, sob um regime aristocrático pré-industrial, melhor ou pior do que aquela sob uma fábrica de operários nos primórdios do industrialismo? Essas são questões interessantes, e a história econômica fornece ao menos pistas quanto às respostas.

---

**Correspondência:** Ernane São João Garcia, Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luís, Km 235, s/n, Jardim Guanabara, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil. E-mail: ernanegarcia@gmail.com  
**Conflito de interesses:** Nenhum.

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida a revista Em curso.

---

<sup>16</sup> Fato aparentemente similar ao previsto pelo filósofo aconteceu pouco após o final da Segunda Grande Guerra, com a criação da ONU em 24 de outubro de 1945. (N. T.)

## Bibliografia

RUSSELL, B. On history. *The Independent Review*, Londres, v 3, p. 207-215, 1904

RUSSELL, B. *The practice and theory of Bolshevism*. Londres: Allen & Unwin, 1920

RUSSELL, B. *On education, especially in early childhood*. Londres: George Allen & Unwin, 1926

RUSSELL, B. *Education and the social order*. Londres: George Allen & Unwin, 1932

RUSSELL, B. *Portraits from memory*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1956

